

## Arundo donax (cana)



Erva perene de grande porte, até 6 m, rizomatosa, com longos caules robustos, cilíndricos e ocos.

**Nome científico:** *Arundo donax* L.

**Nomes vulgares:** cana, canavieira, cana-do-reino, cana-comum, cana-vieira

**Família:** Poaceae (Gramineae)

**Estatuto em Portugal:** espécie invasora

**Nível de risco:** 14 | Valor obtido de acordo com um protocolo adaptado do Australian Weed Risk Assessment (Pheloung et al. 1999), segundo o qual valores acima de 6 significam que a espécie tem risco de ter comportamento invasor no território Português | Atualizado em 30/09/2015.

**Sinónimia:** *Arundo maxima* Forskål

**Data de atualização:** 05/10/2015

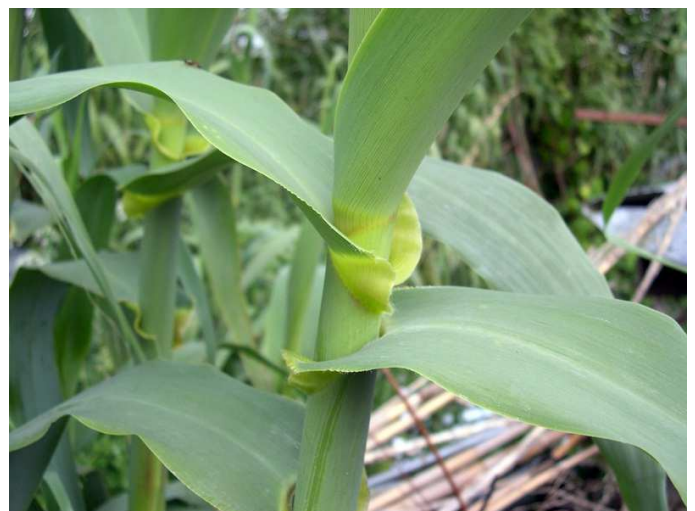
**Ajude-nos a mapear esta espécie na nossa plataforma de ciência cidadã.**

### Como reconhecer

Erva perene robusta, de grandes dimensões, rizomatosa, com colmos (caules) até 6 m x 1-3,5 cm, simples ou pouco ramificados, com os nós envolvidos pelas bainhas das folhas.

**Folhas:** de 1-8 cm de largura, lanceolado-lineares, de margens cortantes, com aurículas verde-amareladas na base e longamente atenuadas em ponta fina.

**Flores:** reunidas em panículas com 30-90 cm, oblongas, densas e ± contraídas, geralmente com pedúnculo curto e ráquila glabra, cor violácea.



Pormenor da base das folhas com bainha a envolver o colmo e aurículas verde-amareladas

## Arundo donax (cana)

**Frutos:** cariopses oblongas, que não produzem sementes viáveis fora da área de distribuição nativa.

**Floração:** agosto a outubro.

### Espécies semelhantes

Os caniços (*Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steud.) têm alguma semelhança mas têm dimensões menores (tanto no diâmetro como na altura dos colmos) e a ráquila apresenta pelos compridos.

### Características que facilitam a invasão

Reproduz-se unicamente por via vegetativa, por rizomas, apresentando taxas de crescimento muito elevadas. Os rizomas regeneram muito vigorosamente após corte renovando e até agravando os problemas de invasão.

Os fragmentos dos rizomas são transportados nos cursos de água e originam novos pontos de invasão, a grandes distâncias, quando ficam retidos nas margens.

Os ramos mortos são inflamáveis e a planta regenera após o fogo.

### ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO

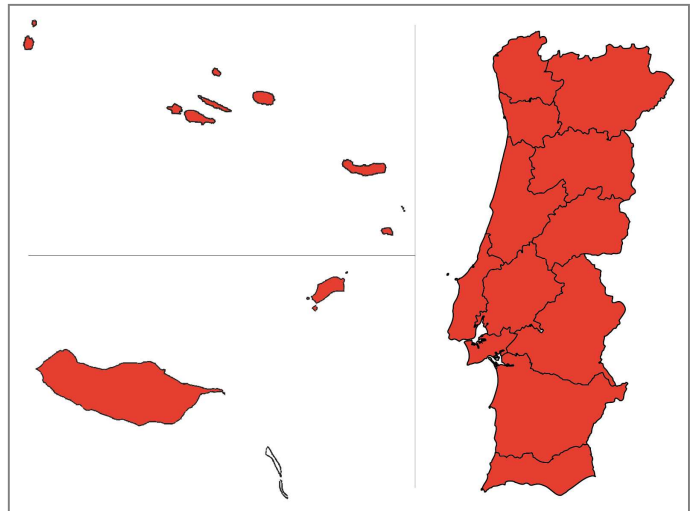
#### Área de distribuição nativa

Embora não haja unanimidade entre os autores quanto à origem desta espécie, presume-se que seja nativa da parte oriental da Europa, Ásia temperada e tropical.

#### Distribuição em Portugal

Portugal continental (todas as províncias), arquipélago dos Açores (todas as ilhas), arquipélago da Madeira (ilhas da Madeira e Porto Santo).

Para verificar localizações mais detalhadas desta espécie, verifique o [mapa interativo online](#). Este mapa ainda está incompleto - precisamos da sua ajuda! Contribua submetendo registos de localização da espécie onde a conhecer.



#### Outros locais onde a espécie é invasora

Europa (Espanha, França, Alemanha, Hungria, Malta), África (Namíbia, Tanzânia, África do Sul), Austrália, Nova Zelândia, América do Norte (México, EUA), América do Sul (Venezuela, Perú, Argentina, Chile).

#### Razão da introdução

Provavelmente pelo interesse dos colmos, nomeadamente para utilização na agricultura, em sebes e para fixação de taludes.

#### 📍mbientes preferenciais de invasão

Na proximidade de linhas de água, diques, zonas húmidas, pauis e zonas pantanosas costeiras. É também muito frequente na margem de vias de comunicação e áreas agrícolas. Cultivada por todo o país, exceto em altitudes elevadas.

### IMPACTES

## Arundo donax (cana)

### Impactes nos ecossistemas

Forma clones que ocupam áreas extensas, impedindo o desenvolvimento da vegetação nativa (nomeadamente vegetação de zonas ribeirinhas), excluindo a fauna associada e interferindo com o fluxo de água.

Em ilhas/arribas impede a nidificação de algumas aves com impactes graves nessas espécies.

### Impactes económicos

Custos elevados na aplicação de medidas de controlo.

Em linhas de água constitui um sério obstáculo ao escoamento, aumentando, conseqüentemente, o risco de cheias e enxurradas. Em situações extremas, pode interferir com o movimento de barcos, provocar danos em estruturas como pontes e barragens.

### Outros impactes

As canas são muito inflamáveis, mesmo quando verdes, o que acentua a probabilidade de ocorrência de incêndios e os danos por ele causados.

### Habitats Rede Natura 2000 mais sujeitos a impactes

- Florestas aluviais de amieiro (*Alnus glutinosa*) (91E0);
- Florestas mistas de carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), ulmeiro (*Ulmus minor*) e freixo (*Fraxinus angustifolia*) das margens dos grandes rios (91F0);
- Florestas-galerias de salgueiro-branco (*Salix alba*) e choupo-branco (*Populus alba*) (92A0);
- Florestas-galerias junto aos cursos de água intermitentes mediterrânicos com rododendro (*Rhododendron ponticum*), salgueiros (*Salix*) e outras espécies (92B0);
- Galerias e matos ribeirinhos meridionais (*Nerio-Tamaricetea* e *Securinegion tinctoriae*) (92D0 pt1, pt2);
- Cursos de água de margens vasosas com vegetação da *Chenopodium rubri p. p.* e da *Bidention p. p.* (3270);
- Cursos de água mediterrânicos permanentes da *Paspalo-Agrostidion* com cortinas arbóreas ribeirinhas de salgueiro-branco (*Salix alba*) e choupo-branco (*Populus alba*) (3280);
- Cursos de água mediterrânicos intermitentes da *Paspalo-Agrostidion* (3290).

### CONTROLO

O controlo de uma espécie invasora exige uma gestão bem planeada, que inclua a determinação da área invadida, identificação das causas da invasão, avaliação dos impactes, definição das prioridades de intervenção, seleção das metodologias de controlo adequadas e sua aplicação. Posteriormente, será fundamental a monitorização da eficácia das metodologias e da recuperação da área intervencionada, de forma a realizar, sempre que necessário, o controlo de seguimento.

As metodologias de controlo usadas em *Arundo donax* incluem:

### Controlo físico

**Arranque manual:** metodologia preferencial para plantas jovens (com rizomas de dimensões reduzidas), até cerca de 2m de altura. Em substratos mais compactados, o arranque deve ser realizado na época das chuvas de forma a facilitar a remoção dos rizomas. Tanto quanto possível deve garantir-se que não ficam rizomas e/ou fragmentos dos rizomas de maiores dimensões no solo pois estes regeneram muito

## Arundo donax (cana)

vigorosamente diminuindo a eficácia da metodologia.

**Corte e posterior remoção dos rizomas:** aplica-se a plantas com rizomas muito extensos. Pode ser realizado com equipamentos manuais e/ou mecânicos. Deve garantir-se que não ficam rizomas de maiores dimensões no solo. Os rizomas removidos devem ser retirados do local para posterior queima. Os caules devem ser posteriormente destroçados.

### Controlo físico + químico

**Corte combinado com aplicação de herbicida:** aplica-se a plantas de maiores dimensões. Corte dos caules tão rente ao solo quanto possível e aplicação imediata (impreterivelmente nos segundos que se seguem) de herbicida (princípio ativo: glifosato) na zona de corte. Alguns autores referem que os rebentos são mais sensíveis ao herbicida pelo que, alternativamente, a aplicação de herbicida pode ser realizada quando os rebentos atingirem 1 a 2 m altura. A aplicação de herbicida deve ser realizada após a floração.

### Controlo químico

**Aplicação foliar de herbicida:** aplica-se a rebentos jovens, até 1-2 m de altura. Pulverizar com herbicida (princípio ativo: glifosato) limitando a sua aplicação à espécie-alvo. Deve realizar-se após a floração e com recurso a pulverizadores.

Visite a página [Como Controlar](#) para informação adicional e mais detalhada sobre a aplicação correta destas metodologias.

Para mais informações, visite a página [www.invasoras.pt](http://www.invasoras.pt) e/ou contacte-nos para [invader@uc.pt](mailto:invader@uc.pt).

### REFERÊNCIAS

Benton N, Bell G, Swearingen JM (2005) Giant reed - Arundo donax. In: Plant Conservation Alliance's Alien Plant Working Group. Weeds gone Wild: Alien Plant Invader of Natural Areas. Disponível: <http://www.nps.gov/plants/alien/fact/ardo1.htm> [Consultado 10/11/2012].

Dana ED, Sanz-Elorza M, Vivas S, Sobrino E (2005) Especies vegetales invasoras en Andalucía. Consejería de Medio Ambiente, Junta de Andalucía, Sevilla, 233pp.

Dudley T (2000) Arundo donax. In: Bossard CC, Randall JM, Hoshovsky MC Invasive Plants of California's Wildlands. University of California Press, Berkeley, CA, pp. 53-58.

Global Invasive Species Database (2005) Arundo donax. Disponível: <http://www.issg.org/database/species/ecology.asp?si=112&fr=1&sts=sss&lang=EN> [Consultado 10/11/2012].

Marchante E, Freitas H, Marchante H (2008) Guia prático para a identificação de plantas invasoras de Portugal Continental. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 183pp.

Pheloung, P.C., Williams, P.A., Halloy, S.R., 1999. A weed risk assessment model for use as a biosecurity tool evaluating plant introductions. *Journal of Environmental Management*. 57: 239-251.

Silva L, Corvelo R, Moura M, Land EO, Fernandes FM (2008) Arundo donax L. In: Silva L, Land EO, Luengo JLR (eds) Flora e fauna terrestre invasora na Macaronésia. Top 100 nos Açores, Madeira e Canárias. Arena, Ponta Delgada, pp. 213-216.